



**Atividades Pedagógicas desenvolvidas pelos professores no período de suspensão devido ao COVID-19.**

**Disciplina: Língua Portuguesa**

**Série: 3ºs A, B, C, D, F, G**

**Professoras Evelise de Oliveira Bolzan e Sabrina Gerhardt Bonfim Lopes**

**“Tudo há de se ajeitar um dia. E a vida vai acontecendo em volta. Se amanhã o que eu sonhei não for bem aquilo, tiro um arco-íris da cartola. E refaço. Pinto e bordo.”**

**Ler atentamente a colocação sobre CONJUNÇÕES, as quais funcionam em nossa língua, como importantes elementos de coesão textual. Estabelecem conexões de sentido importantes entre as orações que formam uma organização textual.**

Situação hipotética:

A professora perguntou aos alunos qual seria a conjunção adequada para ligar as seguintes orações, atribuindo sentido entre elas: **“Nada o impedia de sair de casa.”** e **“Preferiu ficar”**. Grande parte dos alunos escolheu: **“Nada o impedia de sair, MAS preferiu ficar”**. Nesse caso, a conjunção **“mas”** foi utilizada para unir as orações, atribuindo entre elas um sentido de adversidade, ou oposição de sentidos.

A professora considerou também outra possibilidade e disse: **“Nada o impedia de sair, PORTANTO preferiu ficar”**.

AO PENSARMOS sobre a resposta da professora. Será que está adequada?

Ao inserirmos uma conjunção entre duas orações, definimos o **sentido**, o **NEXO** que queremos atribuir entre elas. Dessa forma, construímos uma relação entre uma e outra. Escolher o **“MAS”**, ou o **“PORTANTO”** permite que se exprima diferentes relações entre as mesmas ideias. A maioria dos alunos optou por uma conjunção adversativa (mas, porém). Já a professora optou pelo **“portanto”**, que sugere a seguinte possibilidade de leitura: discute-se por que ele ficou, nada o OBRIGOU a ficar, se quisesse, poderia ter saído. Se ficou é porque preferiu ficar.

Ambas as conjunções podem ocupar este lugar. O que, verdadeiramente, define o uso adequado de uma conjunção é o texto, a situação em que aquelas orações estão inseridas. O **CONTEXTO** nos dirá se as conjunções estão sendo bem empregadas, ou não. Por isso a necessidade de entendermos as conjunções, ou outros elementos de coesão, quando estiverem inseridos em um texto, em uma situação comunicativa.

**Para pensarmos sobre. Revise em seu caderno, por meio de um esquema, as conjunções de nossa língua. Leia o texto que segue e procure perceber as conjunções que são utilizadas para estabelecer conexão entre as ideias. Identifique**

**as conjunções e indique quais sentidos foram identificados por você em cada uma delas.**

**Trata-se de uma crônica de nossa escritora Martha Medeiros.**

### **O CARRINHO DO SUPER E VOCÊ (Martha Medeiros)**

Normalmente, vou bastante ao supermercado. Duas vezes por semana, no mínimo. As pessoas estão acostumadas a me encontrar pelos corredores e, quando falam comigo, são sempre muito simpáticas. Mas um cliente, certa vez, conseguiu me constranger. Sem dar bom dia e sem se apresentar, fitou meu carrinho com os dois olhos arregalados e exclamou num tom de voz muito acima do razoável: “Vamos ver o que a Martha Medeiros come!”. Fiquei muda, perplexa. Quando ele fez menção de tocar nas minhas compras, desviei e dei-lhe as costas – não disse o que ele merecia escutar. Sou covarde diante da iminência de um barraco.

Foi quando me dei conta do quão íntimo é o conteúdo dos nossos carrinhos. É possível identificar o estilo de vida de uma pessoa apenas analisando suas compras regulares no super: se mora sozinha, se tem crianças em casa, se tem filhos adolescentes, se tem muito dinheiro, se está de dieta, se é vegetariana. No filme *Divã*, a personagem de Lília Cabral, recém-separada, encontra o ex-marido entre as gôndolas do super e não resiste em dar uma conferida no carrinho dele. Repara que o ex comprou uma garrafa de um vinho caro. Espumando de raiva, mas mantendo o sangue frio, comenta: “Humm, comprando vinho de 80 reais... quando éramos casados o teto era 35”. Ele dá uma desculpa qualquer, mas não adianta: ela acaba de descobrir que o bandido já está namorando.

O carrinho entrega tudo: se você só come carne de segunda, se tem cachorro, se não se preocupa com o peso, se está menstruada, se depila com gilete, se pretende maratonar uma série no sofá com um balde de pipoca no colo ou se vai dar uma festa em casa – não é possível que aquela quantidade de garrafas de espumante seja apenas para fazer estoque.

Nos primeiros dias da crise do coronavírus, quando a população invadiu os supermercados para se abastecer, os carrinhos deduraram os mais egoístas. Clientes que conduziam carrinhos abarrotados de papel higiênico e garrafas de álcool eram vistos como inimigos da população, pessoas sem empatia. Da mesma forma, mas invertida, me doeu ver uma senhorinha de uns quase 90 anos comprar apenas um litro de leite, um pacote de macarrão, dois tomates, uma cebola e três sabonetes. Nem precisou de carrinho, a cestinha deu conta.

Entre este momento em que escrevo até o momento em que serei lida, muita coisa poderá mudar, já que as notícias têm sido atualizadas a cada 10 minutos. As coisas estão melhorando? Piorando? Seja como for, espero o básico: que a gente consiga continuar se abastecendo de comida e de respeito pelos outros, que é o que faz uma sociedade doente receber alta.

**Produza uma breve reflexão sobre a temática abordada na crônica de Martha Medeiros, relacionando com a situação que estamos vivendo. Pensemos: por que as pessoas lotaram seus carrinhos de papel higiênico e de álcool? Por que agimos, muitas vezes, sem considerar o coletivo?**